

# Crise do acarajé é encarada como questão de Estado

*Queda de qualidade em barraca tradicional de Salvador leva ACM a pedir intervenção do prefeito*

**S**ALVADOR – A crise veio a público depois de um almoço com amigos na casa da Ilha de Itaparica, 30 de dezembro. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), foi surpreendido pela observação de um de seus convidados sobre a queda na qualidade do tabuleiro mais famoso de Salvador. “Presidente, disseram-me que estão botando farinha de trigo no acarajé da Dinha!”, exclamou um dos comensais. “Já estou sabendo”, respondeu ACM, com tom grave e solene. “Mande o Imbassahy (prefeito de Salvador, Antônio Imbassahy) chamar a Dinha para saber o que está acontecendo.”

Misturar farinha de trigo à massa de feijão-fradinho do acarajé é, de fato, um pecado mortal para as tradições da culinária afro-brasileira. Por isso, a crise do acarajé da Dinha foi tratada como questão de Estado na Bahia de ACM. Um assunto tão sério quanto a escolha do candidato a governador no grupo carlista. A pureza do acarajé e a indicação do candidato dependem, ambas, da harmonia em família, como ficou demonstrado pelas diligências de Imbassahy ao tabuleiro da Dinha.

ACM já sabia que algo de errado na produção ameaçava a fama do acarajé de Lindinalva, a baiana Dinha do bairro do Rio Vermelho, símbolo institucional da cidade. “Na primeira mordida vi que tinha farinha de trigo na massa”, contou o senador. Na mesa em Itaparica estavam o deputado Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), o publicitário Sérgio Amado, a mulher do senador, Arlete, e o filho, o líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Convencer Luís Eduardo a disputar o governo era o outro assunto de Estado em discussão.

O senador acha que já está sob controle a ameaça ao acarajé, depois que Imbassahy, numa conversa sincera com Dinha, ameaçou intervir no Rio Vermelho, se ela não resolvesse o problema. A causa da crise

## DINHA CULPA CUNHADA POR PROBLEMA NA PRODUÇÃO

estava numa disputa de família e Dinha lamentou muito ter delegado à cunhada a produção de seu acarajé enquanto se ausentava da cidade para atender a contratos de eventos em outros Estados. “É a mulher de meu irmão que acha que tem direito à herança, mas ela não vai mais botar as mãos aqui”, explicou a baiana, que agora é substituída na barraca só pelas filhas Cláudia e Sônia. “Elas, eu controlo direitinho.”

ACM não segue a mesma receita. Aguarda a decisão final do filho para dar a arrancada à campanha pela sucessão do governador Paulo Souto. Por ACM, a situação na Bahia já está “50% decidida” – Luís Eduardo será mesmo o candidato a governador e Souto o acompanhará na chapa para disputar uma vaga no Senado. “A situação para mim já está clara”, concorda Souto. Só falta um ingrediente: o “sim” de Luís Eduardo, que ainda avalia se o melhor não seria um mandato no Senado para o destino que almeja atingir em 2002, a Presidência da República.

O problema de gestão no tabulei-

ro de Dinha parece mesmo ter sido solucionado. A barraca no Largo de Santana é ponto de gigantescas filas no fim de tarde e a baiana, com seus 48 anos e 120 quilos, consegue manter uma venda de até 600 acarajés às sextas-feiras. Ela revela que Xangô e Iansã protegem seu acarajé e não desdenha do produto das concorrentes. Está preparando, para suas filhas, a sucessão de um negócio que sobrevive há 60 anos no mesmo local – herança da Vó Ubaldina. Mas Dinha, como ACM, não tira os olhos de sua “jóia”. Mora num belo casarão de três andares a não mais que 50 metros de distância da barraca. (C.C.)



O senador degusta acarajé no Aeroporto de Salvador: farinha de trigo na mistura é pecado mortal

José Paulo Lacerda/AE